

13 MANEIRAS DE OLHAR PARA UM PÁSSARO NEGRO



“Foto de família” dos participantes no projeto A câmara é o corpo, cortesia da Escola D. Dinis

Ana Vaz começou por propor encontros tipo oficinas que eram sobre cinema, mas onde não se tocava numa câmara de filmar. Foi um desafio consciente por parte da artista, que assume a pedagogia crítica como uma componente importante do seu trabalho. A sua intenção era mesmo a de fazer um desvio à abordagem convencional, de se partir diretamente para a escrita do guião e para a criação de imagens. A artista pretendia, pelo contrário, desafiar o grupo a pensar coletivamente sobre o que significa fazer uma imagem, como produzir-las e através de que meios. Principalmente, queria explorar como os corpos podem ser um meio sensorial para a construção de um conhecimento coletivo.

As sessões começaram em setembro de 2019, e ao longo dos primeiros três meses o trabalho implicou ver filmes, ler livros e realizar uma série de exercícios, intercalando sempre as experiências com a reflexão para que pudessem imaginar primeiro o filme que iriam realizar depois. Interessada em fazer um filme colaborativo, Ana Vaz lançava a cada nova sessão, propostas relacionadas com a sessão anterior. Não teria sido possível desenhar um guião prévio. Foi um processo pedagógico aberto e experimental. E assim começou a ganhar raízes a ideia de fazer um filme sobre o próprio processo de fazer um filme.

Entretanto, aconteceu a pandemia em março de 2020, e muito teve que ser adaptado e repensado. Depois de vários meses a trabalhar sobre a relação do cinema e da câmara com o corpo, sempre na presença de corpos e pensando em incorporar e corporizar, de repente ter que conceber um filme à distância parecia impossível. E foi graças ao dinamismo de Ana Vaz, à flexibilidade da escola, à resiliência de dois alunos e à cumplicidade da produtora das Galerias que o projeto encontrou condições para continuar. Naturalmente, os constrangimentos da pandemia inscreveram-se no filme, desde logo nos lugares e nos

dispositivos de captação de imagens, mas a cumplicidade que, entretanto, se tinha instalado entre eles acabou por solidificar o grupo e manifestar-se de forma inesperada. De acordo com o testemunho de Ana Vaz “tudo se encaixava, apesar de não estarmos juntos. Apenas gravávamos as imagens e faziam sentido, mesmo sem falarmos uns com os outros. Foi engraçado. O poema de Wallace Stevens veio ativar o que estávamos a fazer.

No poema há treze maneiras de olhar para o pássaro negro, mas também treze maneiras do pássaro interagir com um ambiente maior de povos e lugares”.

Para mais informações sobre a artista e as suas preocupações subjacentes ao processo criativo do filme, oiça a entrevista que deu ao Cine Esquema Novo, através do link:

[#04 - Cine Esquema Cast - "13 ways of looking at a blackbird", com Ana Vaz - Cine Esquema Cast | Podcast on Spotify](#)

Referido como “poema cinematográfico”, como “uma música que se pode ver” ou como uma “espiral de experiências, intensidades, impressões”, o processo de criação do filme “13 maneiras de ver um pássaro negro” deixou marcas importantes em todos os alunos, mesmo naqueles que não participaram no projeto até ao fim. Falaram da importância de desenvolverem o seu próprio entendimento a partir da experiência e na importância de pensarem mais sobre o mundo e sobre o seu lugar sentindo de forma mais intensa, indo ao fundo das coisas.

Vera, corealizadora do filme diz-nos o que sente: “O que sabemos das coisas é sobretudo o que recebemos de outras gerações, pela escola e pelo que os nossos pais nos disseram. O nosso conhecimento é basicamente um pedaço de tudo o que outras pessoas experimentaram. Mas aqui todos trouxemos algo para as sessões para construir este tipo de filme. O filme é basicamente um pedaço de todos nós juntos. Foi realmente diferente. Nunca tinha tido uma experiência como esta. Quando a Ana veio para a nossa escola eu e os meus amigos ficámos logo interessados por ser algo diferente. O que estamos a estudar é vídeo, câmara, fotografia, design, sites e tudo isso. A Ana fez-me sentir que eu podia expressar a minha visão e ser levada a sério. Na verdade, eu sou jovem, não fiz muito, mas foi especial ter alguém que me estava a ensinar, mas que também me queria ouvir.



© Stenar Projects



© Stenar Projects